



O PAI

— CONTINUAÇÃO —



manhã veio surprender Emilia á janella. Estava só. Nem Valentim, nem a escada estava alli.

Emilia tinha as feições alteradas e os olhos vermelhos de chorar. Dissera-se a deosa da vigilia vendo morrer no céo as ultimas estrellas.

Quando ella reparou que era dia, já de ha muito tinhão as sombras da noite sido expellidas, e do oriente começavão a surgir os primeiros raios vivificantes do sol.

Emilia retirou-se para dentro.

Estava cansada. Mal pôde ir até o sofá. Alli lançou os olhos para um espelho que havia em frente e pôde ver a mudança do rosto e a desordem dos cabellos.

Então duas lagrimas corrêrão-lhe pelas faces, e ella olhou para a janella como se ainda pudesse ver a imagem do amante.

Mas o cansaço e o somno vencião aquella fraca natureza. Quiz resistir, não pôde. O espirito não podia mais sustentar aquella luta desigual.

Emilia dirigio-se para a cama e atirou-se a ella vestida como estava. E adormeceu.

Quanto a Vicente, que dormira a noite inteira sem interrupção alguma, levantou-se ás sete horas, tomou uma chicara de café, vestio-se e sahio.

Antes de sahir perguntou á mucama de Emilia se estava acordada. Disse-lhe ella que não. Vicente deixou dito que ia ao botafóra de Valentim.

E sahio, com effeito, com direcção do cães proximo para tomar um escaler e d'ahi seguir para o vapor que devia partir ás oito horas.

Valentim já lá estava.

Quando Vicente subio á tolda, Valentim foi direito a elle para abraçal-o.

O vapor estava prestes a largar.

O pouco tempo que havia foi empregado nas ultimas despedidas e nos ultimos protestos de amizade.

— Adeos, meu pai! disse Valentim. Até breve.

— Breve, devéras?

— Devéras!

— Adeos, meu filho!

Tal foi a despedida cordial, franca, sentimental. Vejamos agora o anvers o da medalha.

Quando Vicente voltou para casa encontrou Emilia de pé. Estava pallida e desfeita. Vicente foi a ella sorrindo :

— Não te entristeças tanto, disse-lhe, elle volta.

— Partio, não?

— Agora mesmo.

Emilia suspirou.

Vicente fêl-a sentar ao pé de si.

— Ora, vem cá, disse-lhe, se te entregas a essa dôr, ficas magra, feia, e quando elle vier, em vez de eu lhe dar uma mulher refeita e bonita, dou-lhe uma que elle não deixou e que não era assim. Um mez depressa se passa e as lagrimas não fazem correr os dias mais depressa. Pelo contrario...

— Mas eu não choro, meu pai.

— Choraste esta noite. Era natural. Agora, consola-te e espera. Sim?

— Sim. Elle foi triste?

— Como tu. É outra criança. Nada de choros. Esperança e confiança. Ora bem...

Emilia procurou rir, como podia, para consolar o pai; e durante os dias que se seguirão não foi encontrada a chorar uma só vez que fosse, nem os seus olhos apparecião vermelhos de chorar.

É certo que se alguém enfiasse um olhar pela fechadura da porta do quarto de Emilia vêl-a-hia todas as noites antes de deitar-se rezar diante do pequeno oratorio e derramar lagrimas silenciosas.

N'esta hypocrisia de dôr durante o dia, e n'este desafogo do coração durante a noite, passou Emilia os primeiros quinze dias depois da partida de Valentim.

No fim de quinze dias chegou a primeira carta de Valentim. Era uma laidinha de mil protestos de que não se esquecêra de ambos, e uma promessa formal que no fim do mez estaria de volta.

Esta carta foi lida, relida e commentada pela filha de Vicente.

Vicente, mais contente com essa carta pelo effeito salutar que produzira em Emilia, resolveu fazer o que pudesse para accelerar o tempo e tornar menos sensivel a ausencia de Valentim.

Multiplicou e inventou passeios, visitas, jantares, distracções de toda a natureza.

Este meio produzio algum effeito. Os outros quinze dias corrêrão mais depressa, e Emilia chegou alegre e contente ao ultimo dia do mez da fatal separação.

N'esse dia devia chegar exactamente o vapor que trazia Valentim.

N'esse dia levantou-se a moça mais alegre e viva. Tinhão-lhe voltado as côres ás faces, a luz aos olhos. Era outra. E para ella os objectos exteriores, que até então tinhão conservado um aspecto lugubre, erão tambem outros. Tudo se fez risonho como o sol, que n'esse dia pareceu mais vivificador.

Vicente levantou-se, abraçou a filha e preparou-se para ir a bordo buscar Valentim.

Emilia supplicou-lhe que se não demorasse por motivo algum; que viesse logo e logo, mal desembarcassem.

Vicente sahio depois de fazer esta promessa á filha.

Emilia ficou anciosa esperando o pai e o noivo.

Infeliz! D'ahi a uma hora voltava o pai, triste, cabisbaixo, só. O noivo não o acompanhava.

— E elle, meu pai?

— Não veio.

— Não veio!

— Não!

— Nem uma carta?

— Nada! Mas é ainda cedo; póde haver cartas; porém mais tarde... É natural que escrevesse, é mesmo certo. Esperemos.

Emilia desfez-se em pranto.

Mas Vicente consolou-a dizendo que tudo podia ter explicação; que naturalmente a missão a que fôra Valentim se explicasse, e só d'ahi a dias pudesse trazer.

Esperarão uma carta de explicações um, dous, tres, cinco, dez dias : nada.

— Nada, meu pai ! Nem uma carta ! dizia ella. Elle não me ama !

Vicente soffria vendo a dôr de Emilia. Não podia convencer pelo raciocinio a uma mulher que se dirigia pelo sentimento. Preferio deixal-a desabafar e escrever a Valentim, ao mesmo tempo que procurava informar-se, como empregado publico, dos motivos que terião demorado Valentim na provincia.

A carta de Vicente contava tudo o que se passára, o desespero e a dôr de Emilia vendo-se mallograda, como elle proprio, na expectativa de ver chegar Valentim.

Expedida a carta, Vicente procurou indagar que razões poderosas tinhão demorado o noivo de sua filha ; mas desde as primeiras tentativas vio logo que não lhe seria facil entrar no conhecimento d'esses motivos attenta a gravidade da questão, e a gravidade estava no segredo guardado pelo proprio mensageiro.

Todavia uma consideração se apresentou ao espirito de Vicente : a missão, por grave que fosse, não era politica ; o ministro podia, sem entrar na explicação por menor d'essa viagem, dizer-lhe se Valentim voltava ou não cedo.

Quando se resolveu definitivamente a ir ao ministro e dizer-lhe, se necessario fosse, as razões de seu passo, chegou novo vapor e não trouxe carta alguma em resposta á escripta por Vicente.

Diante d'este facto Vicente não hesitou.

Foi ao ministro.

Não era esse o mesmo chefe da repartição em que Vicente era empregado, mas não era absolutamente estranho ao velho pai, por já ter servido na pasta correspondente á sua repartição.

Vicente declarou-lhe os motivos que o levavão, e esperou, adiantando palavra de honra, que o ministro lhe dissesse qual a demora de Valentim.

O ministro pareceu não perceber a pergunta e pediu que elle a repetisse ; mas nem depois da repetição ficou mais instruido.

O ministro não só não tinha promettido nada a Valentim, como até nem o conhecia.

Vicente enfiou.

O caso parecia-lhe tão extraordinario que não quiz acreditar com seus proprios ouvidos.

Mas o ministro repetio o que dissera e deu-lhe palavra de honra de que dizia a verdade.

Vicente despedio-se do ministro e sahio.

Que iria dizer á sua filha? Como dar-lhe parte do occorrido? Como evitar os perigos que já se lhe antolhavam n'esta revelação?

Vicente hesitou, e caminhando para casa foi ruminando mil projectos, a ver qual era melhor para sahir d'esta difficuldade.

Mas na confusão que naturalmente estas idéas lhe trazião, Vicente fixou o espirito no ponto principal da questão : a perfidia de Valentim.

Essa perfidia não carecia de provas. Estava patente, clara, evidente. Valentim tinha usado de uma fraude para enganar Emilia. Ou, se tinha motivo de sahir, quiz aproveitar uma mentira, para mais a salvo poder escapar ás promessas anteriores.

Tudo isto é evidente; Vicente via em toda a nudez a triste situação a que ficava collocado.

As circumstancias contribuião para augmentar a evidencia dos factos; o silencio, o annuncio mentiroso da proxima chegada, tudo.

Fazendo todas estas reflexões, Vicente chegou á porta de casa.

E não tinha inventado nada para dizer a Emilia. Em tal caso o que cumpria fazer era calar-se e esperar que o tempo tivesse, desfazendo o amor, minorado o soffrimento do desengano.

Calou-se, portanto.

Quando pôde estar a sós reflectio no procedimento de Valentim; uma somma enorme de odio e despeito creou-se no seu coração. Vicente desejava estar n'aquelle momento diante de Valentim para lançar-lhe em rosto a sua infamia e a sua baixeza.

Mas todas essas raivas contidas e tardias nada mudavão á situação.

A situação era : Emilia definhando, Valentim ausente. O que cumpria fazer? Distrahir a moça para ver se ella voltava á vida, e ao mesmo tempo se o primeiro amor se desvanecia n'aquelle coração.

N'esse sentido Vicente fez tudo quanto o amor de pai lhe suggerio, sem que nos primeiros dias nada pudesse conseguir. Mas os dias se passavão e a dôr, se não desapareceu de todo, ao menos não era tão ruidosa como outr'ora.

Tres mezes se passarão assim, e desde a unica carta que Valentim escreveu a Vicente, nunca mais houve uma só lettra, uma só palavra d'elle.

Mas no fim d'esses tres mezes appareceu uma carta. Emfim! Vicente recebeu-a contente e não quiz logo communicar-a a Emilia. Quiz lê-la antes. Era longa : leu-a toda.

Dizia Vicente :

« Meu caro Sr. Valentim. Se V. S^a. não comprehendeu que a minha união com D. Emilia era desigual, mostra ter muito pouca pratica do mundo. Em todo o caso é digno de desculpa, porque eu tambem tive um momento em

que não reparei n'isso, que aliás não era muito de admirar, attenta a maneira por que tinha preso o coração.

« Tinha preso, tinha. Para que negal-o? D. Emilia é cheia de encantos e de graças : eu sou moço e ardente. O amor pôz-me poeira nos olhos.

« Enquanto eu estava n'esse estado inteiramente de rapaz apaixonado, comprehende-se facilmente uma fantasia de momentos. Então, como vio, fizemos ambos mutuas promessas.

« Mas, não ha como o mar para dissuadir os homens, ainda os mais apaixonados, de algumas idéas extravagantes que tenham em sua vida.

« O mar fez-me bem.

« Quando cá cheguei tinha o espirito mais lucido e o coração mais calmo. Reparei que se lá fico mais tempo destruia dous principios de minha vida.

« O primeiro é o de nunca olhar para baixo ; o segundo é o de não sacrificar a minha liberdade a ninguem, de baixo ou de cima.

« Este sacrificio era inevitavel se eu realisasse o casamento com D. Emilia, pessoa a quem, aliás, tributo a maior veneração.

« Mal me achei aqui e reconheci esta situação pensei logo em dizer a V. S^a. quaes são as minhas intenções ; mas era cedo, e talvez isso produzisse máos resultados no tocante á sensibilidade de D. Emilia.

« Por isso escrevi-lhe aquella carta, unica que lhe escrevi, e na qual eu lhe dizia mil tolices tendentes a provar que ainda amava a filha de V. S^a.

« Depois recebi uma carta em que V. S^a. me contava umas cousas realmente enfadonhas e que eu senti têt-as provocado. Mas, uma vez convertido ao bom senso, fôra tolice voltar atrás : calei-me á espera de que passasse mais tempo.

« Hoje creio que já as dôres terão passado, e salvo ainda a occasião para dizer-lhe todos estes meus pensamentos com aquella franqueza propria de um cavalheiro como eu.

« Não será de falta de franqueza que V. S^a. me accuse.

« Portanto, e visto o mais dos autos, restituo a V. S^a. a palavra que me deu de dar-me sua filha por esposa, presente este que eu aceitava com as mãos abertas a não serem os supraditos principios que eu enunciei e que são e serão sempre a norma de minha vida.

« Resta-me informar a V. S^a. dos motivos que me trouxerão de lá para cá. Não foi nenhum motivo de missão ministerial, nem cousa que com isso se pareça.

« Os motivos forão dous : o primeiro, certo presentimento de que eu estava fôra dos eixos tentando casar com D. Emilia ; o segundo, ir receber a herança

d'aquella celebre tia de quem eu lhe fallei algumas vezes e que acabava de morrer.

« Ha de convir que não podia têl-os mais poderosos.

« Terminarei com um aviso salutar.

« Naturalmente ao receber esta carta V. S^a. prorompe contra mim e vai derramar em uma folha de papel todo o odio que me votar.

« Declaro que será trabalho inutil. É outro principio meu: não responder a cartas inuteis.

« Dito isto não enfado mais. — *Valentim.* »

A insolencia d'esta carta produzio em Vicente um effeito doloroso. Não era só a fé de uma moça que fôra illudida; era tambem a dignidade de pai e de ancião que o inconsiderado moço ultrajava, no velho pai de Emilia.

Vicente, quando acabou de ler a carta, amarrotou-a com furor e levantou-se da cadeira pallido e tremulo.

N'esse momento appareceu Emilia, e vendo o pai n'aquelle estado de agitação, correu para elle:

— Que tem, meu pai?

— Que tenho? É esta carta...

— Esta carta!

E Emilia procurava ler as folhas amarrotadas que Vicente lhe mostrava sem as largar da mão.

— Que diz esta carta, meu pai? perguntou Emilia levantando os olhos para Vicente.

Vicente olhou para ella, atirou a carta para uma gaveta, fechou-a, e foi sentar-se em um sofá.

— Que dizia aquella carta?

— Minha filha... tens coragem?...

— Tenho... mas...

— Escuta bem.

Emilia ajoelhou-se aos pés de Vicente e com a cabeça nos joelhos d'este escutou.

— O que te vou dizer é grave, continuou Vicente: prepara-te. Para que enganar-te mais tempo? Melhor é que te desenganes de uma vez. Emilia, Valentim não te ama, não volta cá, dispensa-te da fé que lhe juraste.

— Ah!

Foi um grito, um só, mas que parecia sahido do fundo do coração e que devia ir echoar na estancia da eterna justiça.

Emilia cahio sem sentidos.

Vicente enganára-se.

Uma tranquillidade mais apparente que real fizera-lhe suppôr que Emilia podia supportar o golpe d'aquella revelação.

Isto foi que o animou a fallar.

O grito de Emilia teve um écho em Vicente. O velho soltou um grito igual quando vio a filha a seus pés sem dar accordo de si.

Ao principio suppôl-a morta.

— Minha filha! Morta! Morta!

Prestárão-se a Emilia os primeiros cuidados.

O infeliz pai, quando teve conhecimento de que a filha anda vivia, respirou de allivio.

Depois mandou chamar um medico.

O medico veio, e depois de examinar a moça disse que respondia pela vida d'ella.

— Sr. doutor, disse Vicente ao medico á porta da rua, a morte d'esta menina é a minha morte. Salve-a!

— Póde ficar descansado, respondeu o medico.

Então começou para Vicente uma vida de dedicação. Como exactamente nas vespas tivesse recebido o decreto de aposentação, achou-se elle livre da obrigação de frequentar a secretaria. Podia ser todo para a filha. Dias e noites passou-as ao pé do leito de Emilia, consolando-a, animando-a, pedindo-lhe que achasse na propria enormidade do crime de Valentim razão para desprezal-o.

A sciencia e os conselhos animadores de Vicente obrárão de commum no restabelecimento de Emilia. No fim de um mez a moça estava de pé.

Emquanto se achava fraca, e como já não houvesse razão para tocar no doloroso assumpto da perfidia de Valentim, o pai de Emilia esquivou-se a fallar-lhe dos motivos que tinham prostrado a filha.

A convalescença correu regularmente. O que não se pôde vencer foi a tristeza de Emilia, mais profunda então do que outr'ora.

Muitas vezes a moça esquecia-se do pai e de todos, e com o olhar fixo e sem expressão parecia entregue a dolorosas reflexões.

N'essas occasiões Vicente procurava distrahil-a de algum modo, sem, todavia, alludir a nada que fosse de Valentim.

Emfim, Emilia ficou completamente restabelecida.

Um dia Vicente, em conversa com ella, disse-lhe que passada a funesta tempestade do coração cumpria-lhe não se escravisar a um amor que tão indignamente votára a Valentim. Estava moça; considerar empenhado o coração n'aquelle erro do passado era commetter um suicidio sem proveito, nem razão legitima.

— Meu pai, assim é preciso.

— Não é, minha filha.

— Affirmo-lhe que é!

— Tão generosamente pagas a quem foi tão cruel para comtigo?

— Meu pai, disse Emilia, cada um de nós foi condemnado a ter n'este negocio uma catastrophe. É a sua vez.

— Explica-te.

— Meu pai, disse Emilia, fechando o rosto nas mãos, eu sou d'elle quer queira quer não.

Uma idéa pavorosa atravessou o espirito de Vicente. Mas tão impossivel lhe pareceu, que, sem dar credito á imaginação, perguntou a Emilia o que queria dizer.

A resposta de Emilia foi :

— Poupe-me a vergonha, meu pai!

Vicente comprehendeu tudo.

O seu primeiro movimento foi repellir a filha.

Levantou-se desesperado.

Emilia não disse uma palavra. No fundo do abysmo da desgraça em que se via, não podia desconhecer que a indignação de Vicente era legitima e que devia respeitá-la.

Vicente fez mil imprecações de odio, mil protestos de vingança.

Passada a primeira explosão, e quando, extenuado pela dôr, Vicente cahia em uma cadeira, Emilia levantou-se e foi ajoelhar-se a seus pés.

— Perdão, meu pai, exclamava ella entre lagrimas, perdão! Conheço todo o horror da minha situação e respeito a dôr que meu pai acaba de sentir. Mas veja que mereço perdão. Eu era fraca e amava. Elle era insinuante e parecia amar. Nada d'isto me lava do peccado; mas se a indignação de um pai pôde encontrar attenuação no acto de uma filha, meu pai, eu ousou esperar isso!

Vicente repellio Emilia com a mão.

Emilia insistio, implorou, desfez-se em lagrimas, em supplicas, e em lamentos. Pedio pela alma da mãe que Vicente não juntasse á dôr da perfidia do amante a dôr da maldição paternal.

A voz do arrependimento e da contricção de Emilia teve écho no espirito de Vicente. O velho pai, chorando tambem, voltou os olhos para a filha e estendeu-lhe os braços.

Na consciencia de Vicente Emilia estava perdoada.

Mas o mundo?

Os juizos do mundo são singulares e contradictorios. Quando uma pobre rapariga cahe n'um erro, como Emilia, o mundo fecha-lhe as portas e lava

mandamento de interdicção. É justo. Mas o que não é justo, o que é infame, o que clama justiça, é que essas mesmas portas se abram ao autor do crime, e que este, depois de soffrer uns simples murmurios de desapprovação, seja festejado, acatado, considerado!

Ora, a situação de Emilia diante do mundo apresentou-se logo ao espirito de Vicente em todo o seu horror.

Vicente, voltando do abalo que soffrêra, procurou reunir as idéas e os factos, e meditou sobre elles.

O que havia de positivo era :

Uma menina enganada e perdida ;

Um depravado alegre e feliz com o bom exito da empreza, rindo-se de longe da credulidade e do infortunio de uma familia honrada ;

A paz da velhice desfeita, a felicidade dos seus ultimos dias annullada. Que fazer diante d'isto?

Vicente formou e desfez mil projectos, sem acertar com um que pudesse resolver todas as duvidas e preparar todas as consequencias.

Estava velho. Podia morrer de uma hora para outra. Emilia ficava desamparada. Podia perder-se, senão por tendencia propria, ao menos por urgencia das necessidades. Elle sabia que a rapariga nas circumstancias de Emilia apresentava este dilemma: ou a morte ou a vergonha, pontos horriveis, aos quaes não é possivel chegar sem ferir os preceitos divinos e humanos.

Ha uma terceira solução que faz sahir da morte e da vergonha; mas essa terceira seria escolhida por Emilia? Apesar das lições paternas, do exemplo, da indole, dos sentimentos que nutria, ficaria ella a salvo das futuras seducções, que, de envolta com a necessidade, fossem debruçar-se á noite no leito de sua miseria?

Vicente sentia, via, adivinhava toda esta situação, mas desesperava por não poder achar um só meio de prevenil-a, e dissipar as suas tristes apprehensões.

Entretanto o mais funebre silencio succedeu em casa ás explosões de dôr e de indignação do pai e da filha.

Esta vivia quasi sempre no quarto, evitando o mais que pudesse a vista do pai, que era para ella a imagem da consciencia viva.

Vicente do mesmo modo recolhia-se ao seu quarto, e alli passava horas e horas, só com a sua dôr e com as suas considerações do futuro.

Um dia Vicente entrou no quarto de Emilia e foi sentar-se ao pé d'ella.

— Emilia...

— Meu pai!

— Já te perdoei, como sabes, o erro em que cahiste; reconheci, minha filha, que a boa fé do teu coração foi illudida. Tudo isto passado. Mas pensaste no futuro?

— No futuro?

— Sim, pensaste na tua posição de ora ávante, nas circumstancias penosas em que te achas, mas ainda mui penosas com que has de achar-te quando eu morrer?

— Oh! meu pai, eu tambem morrerei...

— Ouve. Não digas isso. Não sabes se poderás ou não resistir á minha morte, e no caso affirmativo, que é o que se ha de dar, porque é o que se dá sempre, só recorrendo ao crime terás a morte, e então...

— Meu pai!

— E então terás augmentado as torturas eternas do meu espirito... Ah! é preciso que te não esqueças de que ha um Deos que nos olha e nos julga. Para esse appello eu, appellarás tu, no que diz respeito ao infame. Mas emquanto esse Deos não te chamar a si, tu não tens, nem eu tenho, o direito de atirar á margem o fardó da vida.

— Bem sei, meu pai...

— Ora, pois! Morto eu, qual é a tua posição? Ficas desamparada á beira de um abysmo! É preciso que conjures esse perigo, e eis o meio: — Mudar-nos-hemos d'aqui. A casa a que eu fôr morar terá capacidade para que posamos eu e tu trabalhar em uma só cousa: fazer um peculio para ti. Serei hortelão; serás costureira. O que nos render n'essas duas occupações, junto com o que o Estado me dá, servirá para sustentar a casa e economisar de modo que, no fim de alguns annos, quando a morte me chamar, tu fiques desassombrada, ao abrigo das necessidades e das tentações.

— Oh! meu pai! exclamou Emilia deitando-se aos braços de Vicente.

— Queres?

— De todo o coração, meu pai!

Desde este dia foi assentado que ambos se occuparião na reparação do passado por meio da esperanza do futuro.

Mudárão-se para a casinha em que os encontrámos, leitor, no começo d'esta narrativa.

Ahi vivêrão, longe do mundo, entregues só ao cumprimento da palavra jurada e no desempenho dos encargos que o funesto amor de Valentim trouxera áquella infeliz familia.

Quanto ao rapaz, Vicente entendeu que não devia por modo algum procurar vingar-se. Qual seria a vingança? Vicente, profundamente religioso,

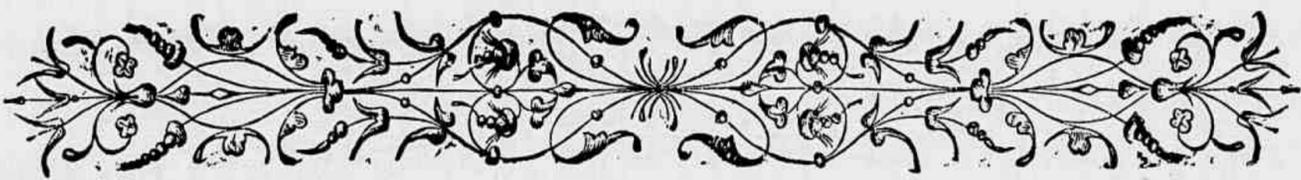
julgou entre si que a justiça de Deos bastava para reparar os casos onde fosse impotente a justiça dos homens.

Votando-se a uma vida de trabalho e de obscuridade, o pai e a filha buscarão reparar os erros do passado, amando-se mais e fazendo convergir os seus esforços para a compra da tranquillidade futura.

M.

-- Continuar-se-ha. --





BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—100—

RIO DE JANEIRO

HISTORIA

A TEMPESTADE E A BARCA



Em mar sereno e bonançoso, em cujas aguas azuladas viva se reflectia a luz do céu de Deos, vogava a barquinha a que se acolhêra o Christo.

Tinha de atravessar o lago de Genesareth, porque tambem da outra banda queria o Filho do Homem plantar a semente divina da lei nova.

Mansas e crystallinas se ostentavão as aguas do lago, e como gaivota que se perde na amplidão do espaço, desenrolando as brancas azas, assim a barquinha vogava, brandamente balouçada pela aragem da tarde, que lhe enfunava as velas.

E os apóstolos, que a tripolavão, descuidosos se deixavão embalar nas azas da briza, que lhes afagava os cabellos.

Ao longe, porém, lá na extrema do horizonte, surgiu um ponto negro, que se ia pouco e pouco estendendo, como esses fantasmas da noite, que vão augmentando as fórmias vaporosas.

E as aguas do lago vinhão beijar as bordas da barquinha; mas n'esse oscu-

lar havia um como estremecimento, uma como convulsão fremente, que não era a placidez e a bonança.

Com a fronte inclinada sobre os braços, á borda da barca repousava o Christo das fadigas do dia.

Velava-lhe sem duvida o espirito, mas lassos os membros procuravão o descanso e cerrárão-se-lhe os olhos com dormir profundo.

E cada vez mais se ia estendendo aquelle ponto negro do céu, e cada vez mais convulsivo e fremente era o oscular das aguas.

Inquietos dirigião os apóstolos os olhos para o céu, que se entenebrecia mais e mais; para o lago que rumorejava, e vião os signaes precursores de violenta tempestade.

De repente, pelas velas, sibila furioso o vento, engrossa-se o mar, agitação-se as ondas, que refervem vomitando espuma, e as nuvens negras, que abarcão o céu, despedem raios que retalhão o espaço.

Uivava a tempestade cada vez mais terrível; uivavão os ventos, semelhando hymnos discordes de demonios, gargalhadas de espectros ou o gemer da natureza nas contorsões violentas da dôr, e as ondas desencadeadas elevavão-se em montanhas gigantescas, enovelavão-se, abalroavão-se, oscillavão por um momento e desmanchavão-se, lançando espadanas de espuma.

Ah! a barquinha!... Em meio d'essa confusão dos elementos, d'essa luta desesperada que travavão, vaivém das vagas e dos ventos, ora subia a topetar nas nuvens, ora parecia submergir-se na profundidade dos abysmos e ser devorada no apertar das vagas.

E os apóstolos, perdido o animo, abatidos os espiritos em presença da morte que se erguia horrível, estendião as mãos supplicantes ao céu, e, como sentença de morrer, ouvião o rugir sinistro da ventania, que solevava e embravecia as ondas.

E o Christo dormia placido e sereno, á borda da barca, como se a briza da tarde lhe afagasse os cabellos e lhe bafejasse o rosto.

Rouco estoura o trovão, e como que agitadas as ondas por impulso electrico, atirão-se á barca, apertão-a como em um torno de ferro, e fazem-a estalar, arremessando-a contra o céu, e logo após occultando-a no sorvedouro profundo que abríão.

— Mestre! mestre! gritão aterrados os discipulos, acorda, que ruge o mar e a tempestade nos traga; acorda e salva-nos, tu que tudo pódes!

Ergueu-se o Christo; em pé na borda da barca estende a mão sobre as ondas e ordena aos ventos que reprimão as furias.

Maravilha! E aquellas ondas que ainda ha pouco refervião, rugindo como o tigre no deserto ao ancisar da fome; e a ventania desencadeada, como legião

infrene de demonios, tornão-se silenciosas e tranquillias, como se nada lhes houvera perturbado a calma.

Dissipão-se e rarefazem-se as nuvens que toldavão o céu, e o sol, que se lança no occaso, reflecte os raios dourados nas aguas limpidas e crystallinas do lago.

E como a ave que se vê livre das garras do abutre que a tinha segura e corta ligeira as planicies do céu, assim a barca se deslisa por sobre a superficie tranquillã das ondas.

Então voltando-se o Christo para os apóstolos commovidos, lhes dirige com doçura estas palavras de queixume e censura :

— Homens timidos e pusillanimes, onde está a vossa fé? Porque temeis, se eu me achava comvosco?

E uns aos outros dizião os apóstolos :

— Quem é este que aplaca as ondas e impõe silencio aos ventos?

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





MOSAICO

GEMIDOS DA SOLIDÃO

I

Oxalá nunca saibas quão intenso e atroz é o meu tormento.

A. HERCULANO.

É meia-noite! As trevas que envolvem a face da terra assemelham-se ao immenso e negro sudario que cobre a um cadaver gigante. O profundo silencio é sómente perturbado pelo compassado resonar d'aquelles que tranquilos descansão o seu corpo, e em suave placidez repousão o seu espirito; e pelo zumbido monotono dos innumerados insectos, que, quaes activos vigias, servem para n'esta hora de repouso annunciar ao vacuo que a natureza ainda marcha, caminha seu curso.

Mas n'esta hora de repouso porque velo?...

Porque o somno é o repouso do espirito, a tranquillidade da alma, a placidez do coração; e tudo isto em mim é fantasma volatil que em vão busco!...

A sociedade roubou-me a tranquillidade, e eu venho á sua busca na solidão!!...

Mão ferrenha e atroz sangrou-me o coração, e eu venho no orvalho das trevas buscar remedio á profunda chaga.

Não poderei dormir... e quando o meu corpo extenuado de cansaço se entorpecer, o meu espirito não repousará, porque a dôr o acompanha.

Velo, pois, e comigo, no meu aposento, mais um vivente : é uma borboleta.

Ha tres dias tem sido a minha companheira das vigalias, o que faz com que por ella me sympathise. Por muitas e muitas vezes deixo pairar os meus olhos sobre ella, que ora esvoaça de um a outro extremo do aposento, ora pousa sobre o tecto, ora sobre a mesa e junto ao papel em que escrevo. E... n'esta contemplação, que pensamento singular não me tem occorrido por vezes?...

O amor é um sentimento que avassalla por tal fórma o coração do homem, que o torna tão credulo a ponto de ser supersticioso. Quantas vezes encarando essa borboleta não tenho pensado n'ella, não tenho acreditado que ella pensa em mim; e que esta borboleta que aqui volteja é a imagem do seu pensamento que me cerca?!...

Ah! só um amor sincero e santo pôde com toda a boa fé construir essa conjectura, futil por sem duvida.

Mas... quem sabe?...

É bem possivel que ella pense ainda em mim; obrigada, por quem tem poder sobre ella, a me repellir, esse anjo de candura, essa alma generosa e amavel, cumprindo as leis naturaes da obediencia, o terá feito, terá me repellido; mas o seu coração angelico, conhecendo o alcance dos meus sentimentos, não poderá desmentir o passado, e não deixará de dar algum gemido profundo, mas muito occulto, que só *ella* o ouve.

Será assim? Julgo, e por ventura não sem fundamento; assim o penso.

Possas tu, amavel *Moreninha*, ser feliz com a nova escolha; e praza aos céos não sejas victima do erro de outrem; pois o amor que nasce do calculo sabe sempre a fel.

Não experimentes tu um tal resultado d'essa união calculada, e seja teu amparo — a tua innocencia e cega obediencia.

Trague eu gotta a gotta o fel da desventura, e gozes tu as delicias de um santo hymenêo, em cuja união saiba o teu consorte tributar-te finezas de que és digna por tua amabilidade.

II

Esta imagem que parece sorrir-me está estam-
pada unicamente em minha alma.

A HERCULANO.

A' solidão, minha alma, á solidão; n'ella acharás o conforto que te nega o
turbilhão da sociedade!...

Como se casa com o meu espirito a placidez que reina n'esta hora dos tumu-
los!...

E porque não havia de assim o ser, quando o murmurio que traz a aurora
são milhares de animadversões que lhe perturbão a tranquillidade?!

Se n'estas horas solitarias elle vive só, não passa pela decepção de se ver
menosprezado.

.

Ai!... que tenho eu feito para ser victima de tão acerbo penar?!...

O meu coração arqueja continuamente de dôr, e, cansado durante o dia
de occultal-a para que elle soffra só, vem na solidão da noite echoar o seu
gemido, queixar-se ao vento e ás aguas, que, no ciciar na folhagem e no mur-
murar sobre as rochas e por entre as relvas, parecem corresponder com um
ai de compaixão.

E no ciciar do vento e no murmurar das aguas é que me parece só ver a
imagem da sinceridade.

Mas tudo isto ainda é pouco para meu coração; elle parece não encontrar
aqui refrigerio bastante; olha atrás para o turbilhão do mundo, e estorce-se
gemendo profundamente.

.

O abysmo do amor que lhe cavou essa *Moreninha* é por demais fundo e
indelevel; assim, a imagem d'essa mulher é sua sombra inseparavel. E elle
geme de saudade, não digo bem, não é de saudade; pois esta não é mais do
que uma dôr suavizada por um ligeiro prazer, e de prazer não sente sequer
um ceitil; sente dôr, e dôr acompanhada de louco desespero: desespero pelo
desprezo d'aquelle que mal comprehendeu a santidade do sentimento que
n'elle brotou, e pela incerteza em que jaz ácerca dos sentimentos d'essa in-
nocente *Moreninha*.

Como é intensa a dôr que opprime o meu coração.

.

.

Quanto não daria para poder adivinhar n'este momento?... Então quizera, bella *Moreninha*, perscrutar o teu interior a ver se me amas ainda! Se assim fosse, correria aos pés de teu pai, e prostrado imploraria ardentemente para que consentisse na nossa união. Mas... não!... de novo repellido, tu soffrias, e eu ainda mais por saber que soffrias.

Quizera antes o teu desprezo; quizera que esse riso angelico, que me mostravas lá no baile, quando comigo fallavas; que esses olhares cheios de ternura, que sobre mim pousavas; que esses gestos significativos; que esses objectos que me déste como prova de dedicação ou amor: quizera que tudo fosse um bem estudado fingimento, uma ironia de desprezo contra mim!

Oh! quizera ter certeza do teu desprezo; e assim eu seria mais feliz, sabendo que gozas das doces delicias, e que o soffrer só a mim cabe!...

Tal é a immensidade do amor que te dedico.

Quero soffrer só, e o écho dos meus gemidos que se esconda na mudez da solidão!.

III

Porque te havia eu de amar, ó sol, se tu és o inimigo dos sonhos do imaginar; se tu nos chamos á realidade, e a realidade é tão triste?!

A. HERCULANO,

É quasi dia; já o lusco-fusco que se desenha no plumbeo céu vem annunciar que a luz do dia que lhe precede não tarda a vir afugentar as trevas que cobrem a face da terra. A solidão d'esta hora não me é tão consoladora; centenaes de imagens povoão o meu cerebro n'esta hora, e multiplicão com a sua apparição a dôr que me dilacera: são as recordações de dias felizes já passados, e cuja imagem risonha e poetica, contrastando com o meu presente tenebroso e triste, põe este em saliente relevo, e o meu mal cresce.

Ospassaros já começam a sahir de seus ninhos, e em doce trinar saudão a aurora que desponta. A aragem fagueira perpassa beijando as flôres, e as flôres lhe prestão os seus aromas para ella perfumar os ares. Oh! como tudo isto é bello! como tudo isto é encantador e poetico! Mas o é sómente para o homem são de espirito, para o homem feliz, para o homem que goza de uma esperança, que a robustece e vivifica com este despertar da natureza. Para mim não; tudo isto é uma nova setta que me repassa a chaga do meu peito. Tudo isto me é horri-vel e doloroso! A desesperança se me apresenta orlada com a luz que traz a

aurora!... A minha alma se contrahe para não deixar ver ao mundo a sua dôr; ao mundo que lhe roubou a tranquillidade.

Me incommoda a luz do dia, que vem alumiar as miserias humanas, que me vem pôr á vista dos homens que me lançarão putrido lodo no coração, e que de novo me verão para se rirem da minha desdita!

Ah! minha *Moreninha*, quanto me fazes soffrer!...

N'esta hora do prazer, n'esta hora em que a natureza é toda risonha, em que aquelles que dormem descansão embalados em lisonjeiros e dourados sonhos, n'esta hora me parece ver-te no teu compassado arfar do tranquillo somno, sonhando com as delicias do Paraiso, e em coro com os anjos entoando santos hymnos ao Creador. N'esta hora em que tudo ri e goza, eu só choro e soffro!...

.

Vê, pois, como é tormentoso o viver d'esta minha alma!...

A paixão que me possue não me deixará, porque, como diz o poeta, ella é immensa, e o que é immenso é eterno!

.

Eis o dia; convem occultar a dôr, convem abafar o gemido, e aguardemos para a nova solidão!...

IV

Essa esperança que em sonho me sorria evaporou-se com o despertar da realidade.

DO AUTOR.

Eis-me de novo voltado á solidão.

Quão longo não foi para mim o dia, onde sou forçado a comprimir as agitações de minha alma; a supportar com rosto sereno o voraz fogo que me requeima o peito, e obrigado a mostrar um mentido riso nos labios!

E como não me hão de ser amarguradas essas longas horas do dia, quando me é preciso fazer um esforço sobrenatural para suffocar o écho da tenebrosa tormenta que se passa no meu interior? Assim faço para poupar á minha familia a dôr de compaixão por me verem em tão deploravel estado.

Com prazer vejo approximarem-se as trevas; solitario, ahi dou expansão á minha alma; ahi desencadeio os gemidos que o meu peito tinha presos durante o dia.

Meu Deos, quão penosos não me têm sido estes dias!!...

E onde estará o termo de tantas angustias ?

.
Diante de mim uma negra sombra intercepta-me a vista ; e o paradeiro do meu soffrer me é invisivel.....

Quem sabe se não será o tumulto que jaz occulto por essa sombra?...

Ah ! contingencia humana, a quantas vicissitudes não estás sujeita na ligeira peregrinação d'esta curta vida !...

Quanto soffro !... E tu, *Moreninha*, és a causa !...

Que terrivel contraste entre o prazer que me fizeste gozar e a dôr que hoje experimento !

Mal sabia eu que sob os delgados petalos da mimosa flôr se occultavão agudos espinhos ; ebrio do seu aroma deixei-me cahir sobre esses espinhos que me sangrarão profundamente.

E no limitado horizonte da minha existencia não vejo brilhar sequer um mesquinho vislumbre de esperanza, que me traga a metamorphose d'este triste viver.

Ai ! já não posso mais ; as successivas vigalias vão me aniquilando as forças, e mal posso suster a penna que traça estas linhas.

Demais, convem que eu cesse de manifestar n'estes caracteres a voraz tormenta que entenebrece a minha alma, para que não excite a compaixão dos que me tocão de perto, e me furte ao escarneo d'aquelles que não me comprehendem.

Finalisemos, e d'ora em diante deixarei os échos dos meus gemidos permanecer na solidão, que na sua mudez será fiel em acolher-m'os.

J. C.





ECONOMIA DOMESTICA

COMPOTA DE MAÇÃS

Tomai quatro maçãs grandes, parti-as ao meio, para lhes extrahirdes toda a parte dura do centro, com cuidado porém de não estragal-as.

Ponde n'uma cassarola um copo e meio de agua e uma quarta de assucar ; logo que o assucar estiver derretido deitai-lhe dentro as maçãs, com o centro para baixo, e espremei-lhes em cima o sumo de um ou dous limões, conforme a agua que elles tiverem.

Não cubrais a cassarola enquanto estiver no fogo.

Logo que as maçãs estiverem molles no ponto que julgardes conveniente, tirai-as com uma escumadeira e ponde-as na compoteira.

Na calda que vos ficou na cassarola fazei ferver alguns pedaços de canella e despejai depois essa calda sobre as maçãs.

A compota dos pecegos faz-se do mesmo modo que a de maçãs, depois de descascados e partidos ao meio, com a unica differença que na agua d'estes se espreme limão.

PAULINA PHILADELPHIA.





POESIAS

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

— DO —

RIO DE JANEIRO

UM BEIJO

Linda virgem não me fujas,
Nada temas, linda flôr;
Ah! tens medo, não é assim?
Mas não fujas, meu amor.

Vem louquinha aqui comigo,
Vamos ver as nossas flôres;
Vem ver como essas pobres
Tambem têm seus amores.

Porque corres, linda virgem,
Porque vais assim a rir?
Se tens medo, — oh! não rias,
Que nos póde alguém ouvir.

Olha — vês aquelle cravo
Junto alli á violeta?
Não vês o amor-perfeito,
Que festeja a borboleta?

Oh! — vem ver como é tão bella,
 Como é triste esta saudade :
 Vem sorver os seus perfumes,
 Meu amor, minha deidade.

E não viste como as flôres
 Ao ver-te se animarão?
 É que d'ellas és rainha,
 E homenagem te prestarão.

Então viste como as plantas
 Também têm seus amores?
 Dá-me um beijo, linda virgem,
 Que só vejão estas flôres.

Dá-me um beijo, outro mais,
 Um abraço... não faz mal;
 Ai... não córes, nada temas,
 Nosso amor não tem rival.

Novembro de 1861.

G. DE ABRANCHES.

MEDO

A M. E. S.

Não vês, meu anjo, como as ondas tumidas
 Quebrão-se contra colossal rochedo?
 — Eis o retrato do que n' alma passa-se :
 Meu amor puro a se quebrar no medo!

Às vezes sinto-o recrescer no peito,
 Pequeno leito p'ra tão grande mar,

Quero fallar-te, murmurar-te amores,
Vêm mil temores minha voz gelar!

Oh! Deos, que sorte! Que viver d'angustias!
Que eterna lida d'eternal temor!
Sentir que te amo com amor edénico,
Temendo sempre que o desprezes, flôr!

Sentir que lavrão no meu peito chammas,
Que mais inflammas com teu vivo olhar,
Sentir que lavrão no meu peito esp'ranças
Se á briza as tranças eu te vejo dar,

E não, ao menos, eu poder em extasis
Fallar contigo, revelar-te amor!
Porque se sinto no meu peito timido
Paixão eterna a recrescer de ardor,

Temo que tu ao receber o voto
De puro, ignoto, de febril amar,
Olhes... sorrias... e n'um riso-gelo
Dês fim ao bello, ao juvenil sonhar!

Temo, e esse medo que destróe os impetos
Das vagas fortes de meu puro amor,
É um rochedo que s'esgueira inhospito:
Destróe meus sonhos do viver no albor!

Temo o desprezo... Meu amor é infindo,
Meu anjo lindo, como é grande o mar;
Quebrão-lhe as ondas colossal rochedo:
Penhasco é o medo no meu puro amar!

Temo fallar-te... talvez tu desprezes-me...
Desprezo é noite d'eternal pavor!
Assim, meu anjo, no viver contento-me
Em *sonhar* gozos n'um ficticio amor!

E embora saiba que em teu peito nada
Sentir, ó fada, possas tu por mim,

Amar-te-hei sempre, e esse amor supplica
A quem é rica de belleza assim :

Que me perdôc da paixão os impetos,
Que me desculpe se lh' offendo cedo !
Seja meu peito um infinito pelago,
Amor as ondas, o penhasco medo !

Quebrem-se as ondas contra a rocha posta
Na vida triste de infeliz cantor :
A rocha é firme, não a abalão ondas :
Meu medo eterno, não o destróe amor !

Desterro, 1863.

JOSÉ ELISÁRIO DA S. QUINTANILHA.





MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

VESTUÁRIO PARA BAILE. — Vestido de filó, enfeitado em baixo com tres macheados de filó tendo por cima outros macheados de fita côr de rosa. Corpinho decotado com bertha de renda e duplo macheado de filó e de fita côr de rosa. A manguinha curta é feita com duplo macheado igual. Cinto de fita larga e franjada com fita branca e côr de rosa. Toucado enfeitado com fitas flexiveis cobertas com pequenas rosas.

SEGUNDO VESTUÁRIO. — Vestido de *tarlatane*. A frente guarneçada de fôfos e enfeitada com macheado de *tarlatane*. Cinto-manta de velludo azul. Corpinho guarnecido de fôfos com enfeites de velludo azul. Fivela de cinto camafêo. Toucado com tirinhas á grega, de velludo azul.

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE TOUCADOS.

1º Toucado : rosetas de velludo preto debruado de branco entremeadas com renda preta. Uma rosa de cem folhas grossa, rodeada com botões e folhagem, está posta sobre o lado. Tres fitas atadeiras compridas de velludo guarnecido de renda preta cahem por trás.

2º Touca : toucado de renda de Cluny, branca, com nó e fitas atadeiras de velludo côr de rosa.

3º Toucado para baile : consta de um comprido canniço flexivel sobre o qual estão collocados amores-perfeitos de velludo.

4º Toucado para baile : tirinhas á grega, de velludo azul, coberto com boninas do campo.

5º Toucado para baile : diadema de ouro fiado com tapa-pente fingindo anneis de cabelo de ouro fiado.

6º Toucado : consta totalmente de petalos de rosas de varios matizes, desde a côr de rosa mais clara até o encarnado escuro. A fórmula é de diadema na frente, e as pontas cahem por trás com guarnição de renda de seda branca.

7º Chapéo : de velludo branco com fundo molle e manta fluctuante de filó bor-

gado. Enfeites de velludo rôxo e pluma riçada, branca e rôxa. Fitas atadeiras de setim branco.

8º Chapéo : de velludo verde guarnecido de fôfos, fórmula Imperio; enfeites de prata lavrada e contas de prata sobre tiras de velludo preto. Fitas atadeiras de tafetá verde.

TRABALHOS

CHINELA VENEZIANA PARA HOMEM, Nº 2.

Damos o todo d'esta chinela para mostrar a armação, que é nova e elegantissima. Achar-se-ha no *verso* da estampa, nº 7, um desenho de tapeçaria muito conveniente para chinela para homem. As linhas estão no sentido do comprimento. Faz-se em ponto encruzado ordinario sobre talagarsa um tanto fina. O fundo faz-se com lã rôxa, com grinaldas de folhas de parreira com lã preta; as hastes com retroz côr de milho; uma linha preta entre duas linhas côr de milho separa as grinaldas de parreira. Querendo-se fazer uma chinela de luto substituir-se-ha o retroz côr de milho com retroz branco, cinzento ou côr de malva.

CHINELA TURCA, PORTA-RELOGIO, Nº 5.

Materiaes : Contas *rocaille* brancas e contas imitando madreperola; froco encarnado; um ganchinho dourado; uma fórmula de fio de arame.

Esses pequenos porta-relogio são faceis e divertidos de fazer. Cerca-se toda a fórmula de fio de arame com froco encarnado, e tem-se cuidado de prender bem o froco no principio e no fim com um ponto de agulha. Entre as divisões formando rhombos faz-se um pequeno trabalho com contas. Para isso ata-se um fio de retroz em um dos lados do rhombo, enfião-se duas contas de crystal, uma conta imitando madreperola, depois ainda duas contas de crystal, em seguida prende-se o retroz no outro lado do rhombo. Forma-se uma cruz passando o retroz nos dous lados oppostos do rhombo mettendo a agulha na conta do meio. A beira exterior faz-se com fio de arame finissimo que se passa por baixo do fio de arame que forma o contorno da pequena chinela. Enfião-se duas contas *rocaille*, faz-se um recôrte pontudo e torna-se a metter o fio de arame na beira. Continua-se assim todo ao redor. Para concluir o trabalho, recorta-se um pedaço de papelão em fórmula de sola da chinela; forra-se de um lado com panninho, do outro com setim encarnado anteriormente acolchoado; ata-se solidamente a sola á beira de arame, e prega-se no alto o ganchinho dourado para pendurar o relógio.

ESTOJO PARA CHARUTOS, Nºs 23 E 24.

O nº 23 representa o todo do estojo para charutos, e o nº 24 o detalhe do trabalho. Faz-se sobre talagarsa brazileira. O desenho é mui simples e consta de um ponto *lancé* sobre quatro quadrados da talagarsa, com retroz verde; segura-o uma cruzinha de fio de ouro. Os quatro pontos encruzados nos angulos do desenho fazem-se com retroz verde encruzado com fio de ouro.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Nº 1. — Alfabeto. Lettras romanas ornadas, para canto de lenço e roupa de mesa. O corpo da letra faz-se em ponto de relevo partido, com linha branca; póde-se fazer a frecha em ponto russo com retroz preto, ou com linha encarnada.

Nº 2. — Chinela veneziana para homem. (*Vide os trabalhos.*)

Nºs 3 e 4. — Touca em tres partes para criança. O nº 3 é a parte do meio; faz-se duas vezes o nº 4. Borda-se esta touca sobre *nanzouk*, em ponto russo para as hastes e em ponto Mexico para as flôres com retroz preto finissimo.

Nº 5. — Chinela turca, porta-relogio. (*Vide os trabalhos.*)

Nº 6. — *G. R.* Iniciaes inglezas. Ponto de relevo.

Nº 7. — *V. G. R.* Iniciaes entrelaçadas ornadas com flôres de liz. Ponto de relevo e ponto d'armas.

Nº 8. — *M. C.* Iniciaes entrelaçadas, para toalhas de mesa. Cordãozinho, ponto de relevo e ponto d'armas.

Nº 9. — *L. dobrado e K.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho e ponto de relevo com pesponto de côr por cima.

Nº 10. — *M. O. F.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho.

Nºs 11 e 12. — *C. V.* Iniciaes rusticas de dous tamanhos. Ponto de relevo e ponto d'armas.

Nº 13. — Canto de lenço com as iniciaes *H. B.* O lenço de cambraia com bainha aberta. O bordado de matiz com lã de dous fios. As côres variadas; faz-se successivamente uma folha azul, uma côr de laranja, uma verde, uma rôxa e uma côr de rosa. A haste e os tres pequenos traços formando grupos fazem-se com lã preta. As lettras fazem-se do mesmo modo.

Nº 14. — *J. B. V.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho e ponto d'armas.

Nºs 15 e 16. — Touca para bordar em applicação de cassa sobre filó de Bruxellas.

Nºs 17 e 18. — Punhos e collarinho para bordar em ponto de relevo, com pontos abertos, sobre cassa clara.

Nº 19. — *Leonia.* Lettras inglezas. Ponto de relevo.

Nºs 20 e 21. — Punhos e collarinho para bordar sobre fazenda dupla, panno de linho fino ou *nanzouk*, em ponto Mexico, com retroz preto.

Nº 22. — *Alida.* Lettras gothicas, dentro de um escudo de flôres, para bordar em ponto de relevo, para canto de lenço.

Nº 23. — Estojo para charutos. (*Vide os trabalhos.*)

Nº 24. — Detalhe do estojo para charutos.

Nº 25. — *B. V.* Iniciaes com uma corôa de conde por cima. Cordãozinho e grossos grãos.

Nº 26. — Quarta parte de um lenço, para bordar em ponto de relevo e ponto d'armas. A beira em recorte, crista-de-gallo.

ESTAMPA DE CROCHET.

Guardanapo com peixe para fazer de *crochet* quadrado ou de *filet* bordado. Põe-se uma franja de linha branca á roda do trabalho.

ESTAMPA DE TAPEÇARIA PRETA.

NO VERSO.

Estes dous desenhos de tapeçaria servem para chinelas, mochos, pequenos tapetes para alampadas, etc. A lista das côres acha-se em baixo. Essas tapeçarias fazem-se

sobre talagarsa penelope, com lã para as côres escuras, e com retroz de Argel para as côres mais claras.

EXTRACTO DO MANUAL PRATICO DE CROCHET

POR M^{lle} IGNEZ VERBOOM.

CROCHET RUSSO.

Faz-se como o *crochet* ordinario, com a differença de se metter sempre a agulha sob a *malha inteira*, isto é, sob as duas partes de cada malha.

CROCHET PONTO DE MEIA (*crochet-tricot*).

Sobre a cadêazinha (*chaînette*) da base faz-se uma primeira roda de malhas duplas, ata-se e corta-se a linha. Começa-se de novo na outra extremidade da roda, deixa-se inteira a cadêazinha das malhas, e fazem-se malhas duplas mettendo sempre a agulha dentro das malhas que se achão atrás d'esta cadêazinha. Fazem-se todas as rodas iguaes a esta ultima; ata-se e corta-se a linha no fim de cada roda para começar sempre na mesma extremidade do trabalho. Este *crochet* offerece completamente o aspecto de ponto de meia.

CROCHET DE ONDAS (*crochet-vagues*).

Arma-se uma cadêazinha de malhas como para o *crochet* ordinario.

1^a roda. — 1 malha dentro de cada uma das 6 primeiras malhas da cadêazinha; 3 malhas dentro da 7^a, 1 malha dentro de cada uma das 6 malhas seguintes; passão-se 2 malhas. Repete-se desde o começo da roda; na ultima repetição, para concluir a roda, não se passão malhas antes de fazer as 6 ultimas malhas duplas.

2^a roda. — Esta roda, bem como todas as que seguem, faz-se como a precedente, com a differença que se começa por fazer, em vez de seis, 7 malhas duplas; fazem-se 3 malhas dentro da do meio das 3 malhas feitas n'uma só da roda precedente. Na cavidade de cada ondulação passa-se por cima das 2 malhas entre as quaes passarão-se 2 malhas na roda precedente. No fim da roda fazem-se sómente 6 malhas; deixa-se a ultima malha afim de conservar sempre o mesmo numero.

As ondulações fazem-se mais ou menos largas conforme o numero de malhas simples que se collocão entre os augmentos e as diminuições.

CROCHET PONTO DE ESCADA (*point d'échelle*).

Este *crochet* faz-se sobre duas fôrmas de buxo, chatas e mais ou menos largas.

Feita uma cadêazinha para a base, estica-se a ultima malha de modo que fique da altura da fôrma; colloca-se a fôrma atrás d'este comprido anel e adiante do fio de lã, puxa-se a lã no alto do anel, por cima da fôrma que se acha rodeada, e faz-se uma malha simples. Deixa-se sempre o fio de lã atrás da fôrma, mette-se a agulha, sem alargar a malha que se acha em cima, na malha seguinte da cadêazinha da parte inferior, puxa-se um anel comprido através d'esta malha até em cima da fôrma onde se faz uma malha simples como d'antes; continua-se do mesmo modo até o fim da roda. Deixa-se a fôrma nos anneis, e começa-se a segunda roda, que se faz absolutamente como a primeira, sobre a segunda fôrma, e mettendo a agulha na cadêazinha

das malhas que está por cima dos anneis da roda precedente. Concluida a segunda roda, tira-se a primeira fôrma da primeira roda, a qual serve para a terceira, e assim por diante.

CROCHET RECORTE (*crochet feston*).

Faz-se este ponto mettendo a agulha sob uma cadêazinha de malhas, e fazendo malhas duplas muito apertadas, ou então barrinhas (*barrettes*). Para fazer uma escama de recôrte, muitas vezes fazem-se malhas graduadas, isto é, malha simples, malha dupla, meia barrinha, barrinha, barrinha dupla subindo, depois torna-se a descer nas mesmas proporções concluindo com uma malha simples.

CROCHET QUADRADO (*crochet carré*).

O *crochet* quadrado consta de quadrados fechados e de quadrados abertos. Para cada quadrado fechado fazem-se 3 barrinhas, uma ao lado da outra; para os quadrados abertos faz-se 1 barrinha, 2 malhas cadêazinhas, deixando sob a malha cadêazinha duas malhas da roda precedente; quando um quadrado aberto segue um quadrado fechado, a ultima barrinha d'este conta para o primeiro lado do quadrado aberto.

CROCHET ABERTO (*crochet à jours*).

O *crochet* aberto ordinario consta de quadrados abertos, acima explicados; após a primeira roda fazem-se as barrinhas mettendo a agulha nas aberturas sob as malhas cadêazinhas em vez de mettê-la dentro das malhas. Faz-se tambem este ponto mais aberto augmentando o numero das malhas cadêazinhas; passão-se sempre tantas malhas da roda precedente quantas malhas cadêazinhas se fazem.

CROCHET CONCHAS (*crochet coquilles*).

Com este ponto fazem-se lindas guarnições. Depois de feita a cadêazinha, faz-se uma malha dupla, em seguida duas malhas cadêazinhas sob as quaes passa-se uma malha; na malha seguinte fazem-se seis barrinhas duplas, depois ainda duas malhas cadêazinhas sob as quaes passa-se uma malha, e repete-se sempre o mesmo até o fim da roda; tornando, faz-se uma malha dupla mettendo a agulha na abertura sob as duas malhas cadêazinhas, depois uma malha cadêazinha; passa-se por cima do grupo todo de seis barrinhas duplas e vai-se metter a agulha por trás na abertura sob as duas malhas cadêazinhas seguintes. Na roda seguinte faz-se uma malha dupla na malha cadêazinha que se acha atrás das seis barrinhas duplas, depois duas malhas cadêazinhas, em seguida seis barrinhas duplas na malha cadêazinha seguinte, duas malhas no ar, uma malha dupla na malha cadêazinha seguinte, e assim por diante.

CROCHET BOLAS (*crochet boules*).

Para fazer este ponto passa-se primeiro a linha sobre a agulha, mette-se esta em uma malha da cadêazinha, puxa-se a linha através da abertura, absolutamente como para fazer uma barrinha ordinaria; em vez porém de concluir a barrinha passa-se ainda duas vezes a linha sobre a agulha e através da mesma malha; tem-se então ao todo sete anneis sobre a agulha e puxa-se a linha através de todos esses anneis ao mesmo tempo, depois faz-se uma malha cadêazinha, passa-se uma malha e começa-se de novo.

Nas rodas seguintes fazem-se as *bolas* mettendo a agulha sob a abertura das malhas cadêazinhas da roda precedente. Este ponto faz-se muito melhor com lã grossa do que com linha.

CROCHET PONTO DE TAPEÇARIA (*crochet point de tapisserie*).

Mette-se a agulha na segunda malha da cadêzinha, volta-se a linha por baixo da agulha e puxa-se n'esta malha; tem-se então duas malhas sobre a agulha; volta-se a linha uma vez, mas por cima da agulha, e puxa-se nas duas malhas; mette-se a agulha na malha seguinte, volta-se a linha por baixo da agulha, puxa-se na malha seguinte e repete-se sempre o mesmo até o fim da roda, onde se' corta a linha. Nas rodas seguintes faz-se o mesmo, mettendo porém sempre a agulha sob as duas partes da malha, como dissemos no *crochet russo*.

CROCHET ANANAZ (*crochet ananas*).

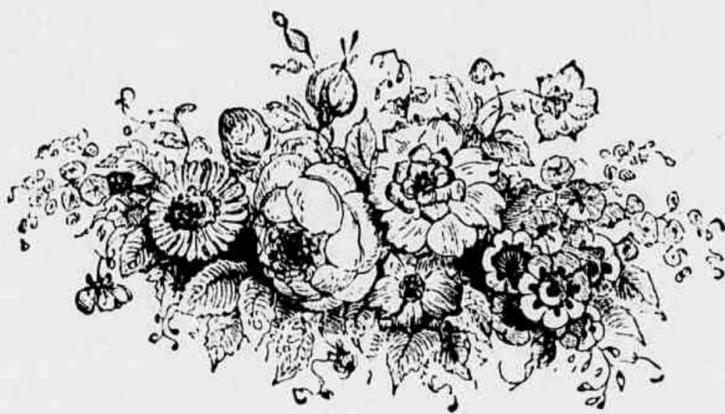
Para este ponto é preciso uma agulha especial; este *crochet* é muito comprido, muito chanfrado no topo e terminado com uma bola.

Faz-se uma cadêzinha, como para todos os *crochets*.

1ª roda. — Volta-se a lã tres vezes á roda da agulha, mette-se esta na terceira malha, volta-se a lã uma vez e puxa-se dentro dos cinco fios de lã que se achão sobre a agulha, segura-se bem tudo entre o pollegar e o indice, recolhe-se de vagar a agulha, fazendo correr em cima os fios de lã, faz-se uma malha cadêzinha. Acha-se assim a primeira bola concluida. Para a segunda bola começa-se de novo voltando a lã tres vezes á roda da agulha, e mette-se esta na segunda malha depois da segunda bola. Todas as bolas, chamadas *ananazes*, fazem-se do mesmo modo. No fim da roda ata-se e corta-se a lã.

2ª roda. — Faz-se um anel, dentro do qual passa-se a agulha; mette-se esta na primeira malha, volta-se a lã uma vez, puxa-se dentro da malha que se tem, volta-se a lã tres vezes, e mette-se a agulha no primeiro anel da bola e na malha que se achia atrás; volta-se a lã uma vez, puxa-se dentro dos cinco fios de lã, e faz-se uma malha cadêzinha como na roda precedente. Continua-se até o fim mettendo sempre a agulha de bola em bola. Ata-se e corta-se a lã no fim da roda.

3ª roda. — Como a segunda, e assim por diante.



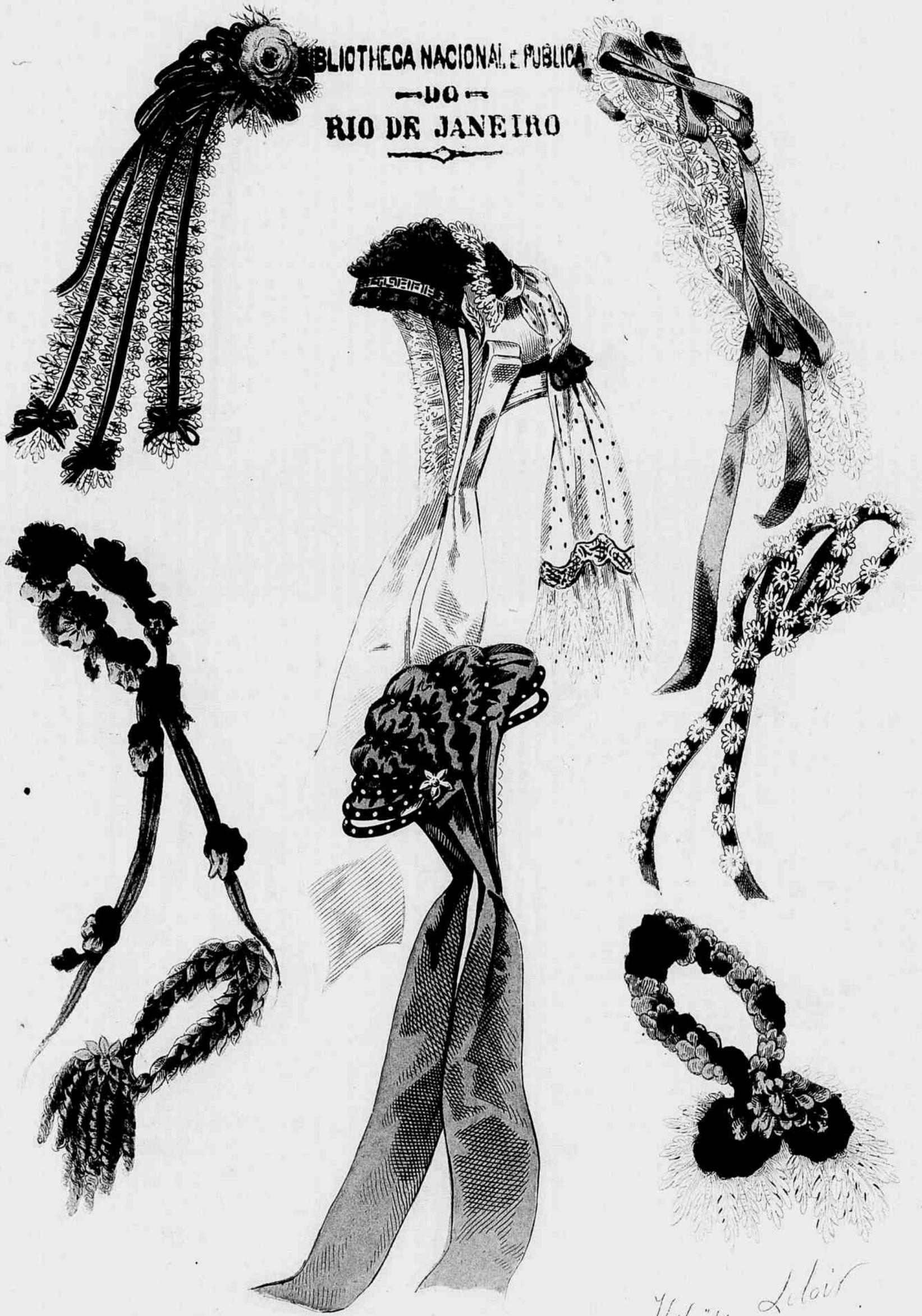


Mollet et Falconner imp. r. S. Louis en l'Île. no. 10. Paris.

JORNAL DAS FAMILIAS

4.º Anno _ Março de 1866

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
— DO —
RIO DE JANEIRO



Miloise Leloir

Memo et Fabroner imp. r. St Louis ca. 116. no. Paris

JORNAL DAS FAMILIAS

4.º Anno — Março de 1866

Março de 1866.

4.º Anno.

QUADRILHA

por M.^{elle} F. GROSSARD.

N.º 1.

The first system of musical notation is in 6/8 time. The treble clef staff begins with a dynamic marking of *f* (forte) and contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, some beamed together. The bass clef staff provides a rhythmic accompaniment with chords and eighth notes. A fermata is placed over the first measure of the treble staff.

The second system continues the piece. It features a section marked *dolce* (dolce) in the treble staff, which is separated from the previous section by a double bar line. The bass staff continues with its accompaniment. The word *FIN* is written above the treble staff in the second measure of this system.

The third system shows a change in dynamics to *p* (piano) in the treble staff. The melodic line continues with eighth notes. A fermata is placed over the first measure of the treble staff. The bass staff continues with its accompaniment.

The fourth system concludes the piece. The treble staff continues with eighth notes, and the bass staff provides accompaniment. A fermata is placed over the first measure of the treble staff. The piece ends with a double bar line.

D.C.

N^o 2.

First system of musical notation for No. 2. It consists of a grand staff with a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The time signature is 2/4. The music begins with a forte (*f*) dynamic marking. The upper staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the lower staff provides a rhythmic accompaniment of eighth notes.

Second system of musical notation for No. 2. It continues the grand staff from the first system. The piece concludes with a double bar line and the word "FIN." written above the staff.

Third system of musical notation for No. 2. This system features a crescendo (*cres*) leading to a fortissimo (*ff*) dynamic. The melodic line in the upper staff is more active, with slurs and accents, while the bass line remains steady.

Fourth system of musical notation for No. 2. The upper staff is marked with an *8^a* (octave) sign, indicating that the notes should be played one octave higher than written. The music continues with complex rhythmic patterns in both staves.

Fifth system of musical notation for No. 2. Similar to the previous system, it is marked with an *8^a* sign. The piece ends with a final cadence in the upper staff, marked with a double bar line and a fermata.

D.C.

N^o 3.

First system of musical notation for No. 3. It is written in 6/8 time and begins with a mezzo-forte (*mf*) dynamic. The upper staff features a melodic line with slurs and accents, while the lower staff has a bass line with eighth notes.

First system of musical notation. The treble clef staff contains a melodic line with slurs and accents. The bass clef staff contains a rhythmic accompaniment. The word "FIN." is written above the final measure, and a dynamic marking "p" is placed below the staff.

Second system of musical notation. The treble clef staff continues the melodic line. The bass clef staff continues the accompaniment with some chordal textures.

Third system of musical notation. The treble clef staff has a few notes. The bass clef staff features a series of chords with a dynamic marking "f" (forte).

Fourth system of musical notation. The treble clef staff has a melodic line with slurs and accents. The bass clef staff continues the accompaniment.

Fifth system of musical notation. The treble clef staff has a melodic line. The bass clef staff continues the accompaniment with a dynamic marking "p" (piano).

Sixth system of musical notation. The treble clef staff has a melodic line with a long slur. The bass clef staff continues the accompaniment. A double bar line with a repeat sign is at the end.

N^o 4.

f

8^a - - - - | Loco.

FIN.

p

cres - cendo.

First system of musical notation. Treble clef, bass clef, and a brace on the left. The key signature has one flat (B-flat). The first measure contains a series of eighth notes in the treble and a bass line. The second measure has a dynamic marking *p* and accents (>) over the first and third notes. The system concludes with a double bar line.

Second system of musical notation. Treble clef, bass clef, and a brace on the left. The key signature has one flat. The first measure features a melodic line in the treble with a slur. The system concludes with a double bar line.

Third system of musical notation. Treble clef, bass clef, and a brace on the left. The key signature has one flat. The first measure has a melodic line in the treble with a slur. The system concludes with a double bar line.

Fourth system of musical notation. Treble clef, bass clef, and a brace on the left. The key signature has one flat. The first measure has a melodic line in the treble with a slur. The system concludes with a double bar line.

Fifth system of musical notation. Treble clef, bass clef, and a brace on the left. The key signature has one flat. The first measure has a melodic line in the treble with a slur. The system concludes with a double bar line and a fermata symbol (S) over the final note.

N^o 5.

8

f

ff

1^{re} et 3^e Fois.

FIN.

2^e et 4^e fois.

8^a

8^a

Loco.

8^a

8^a

8^a

MINUETE

D'HAYDEN.

MINUETE

The first system of the Minuete features a treble staff with a melody of eighth and sixteenth notes, and a bass staff with a simple accompaniment of quarter notes. The key signature has two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 3/4.

The second system continues the melody and accompaniment. A repeat sign is present at the beginning of the system. The bass staff includes some chords and rests.

The third system concludes the Minuete. The melody in the treble staff has some grace notes. The system ends with a double bar line and the word "FIN." in the upper right corner.

MENUETTO 2^o

The first system of the Menuetto 2o features a treble staff with a melody of eighth notes and a bass staff with a steady accompaniment of eighth notes. The key signature has two flats, and the time signature is 3/4.

The second system of the Menuetto 2o continues the melody and accompaniment. A repeat sign is present at the beginning of the system.

The third system of the Menuetto 2o concludes the piece. The melody in the treble staff has some grace notes. The system ends with a double bar line.

D.C.
PRIMO M.¹⁰